

1 INTRODUÇÃO:

Desde a infância, a transmissão de normas sobre o que é adequado para meninas e meninos, onde a mulher é associada ao espaço doméstico e o homem ao espaço público, tem um impacto significativo no comportamento das pessoas na vida adulta. Para Durkheim (1895), a sociologia examina as formas de pensar, agir e sentir que os indivíduos adotam, acreditando que essas atitudes são naturais, quando na verdade é a sociedade que impõe esses comportamentos e pensamentos. Assim, considera-se que homens e mulheres sejam produtos da sociedade, moldados por sua precedência histórica (HORITA, 2020).

O patriarcado e a dominação masculina têm uma longa história, refletindo atitudes e comportamentos masculinos em relação às mulheres que são ecoados desde o passado, onde os antecessores impuseram padrões supostos. As relações sociais entre homens e mulheres foram moldadas num cenário de disputa política, inicialmente privilegiando os homens. Essa construção de gênero na sociedade é também a história da desigualdade, que persiste até os dias de hoje (CANUTO, 2021).

Muitas mulheres ainda são mantidas em posição de inferioridade, com homens reafirmando sua dominação doméstica através de coerção, agressão, ameaças, lesões, feminicídio, exploração sexual e objetificação do corpo feminino. Estas atitudes, vistas como fenômenos de violência doméstica, são consideradas por Durkheim (1895) como fatos sociais em seu estudo sobre o método sociológico.

Apesar dessa realidade, os debates feministas ao longo dos séculos promoveram uma nova perspectiva sobre a mulher. Desde a Idade Média, o movimento feminista tem lutado pela emancipação feminina. No Brasil, durante a época do patriarcado marcado pela ditadura, as mulheres não tinham voz nem vez, sendo submetidas aos comandos masculinos em todos os aspectos de suas vidas.

Com a chegada do feminismo e seus movimentos sociais, as mulheres passaram a ocupar um lugar de conscientização, informação, conhecimento e estudo sobre seu papel e quem podem ser. Muitas vezes, essa formação ocorre através de histórias de vida, que servem como exemplos de superação e incentivo. Essas histórias são fundamentais para empoderar e humanizar, ajudando a desmistificar estereótipos e recuperando a dignidade das pessoas, especialmente quando humanizam a sociedade (ADICHIE, 2019).

O feminismo é uma palavra que provoca reações intensas, tanto de amor quanto de ódio. Assim como há aqueles que rejeitam seus ideais, existem também aqueles que se entregam

imediatamente às suas crenças (TIBURI, 2020). Muitas vezes, essa polarização se deve à falta de informação. Portanto, o objetivo desta pesquisa é demonstrar o protagonismo do movimento feminista na construção do "ser" mulher, desde a vulnerabilidade até as conquistas emancipatórias enfrentadas perante a cultura machista e patriarcal.

O histórico do patriarcado e a dominação masculina existem há um tempo considerável, compreendendo que as atitudes do homem com relação à mulher e o seu comportamento são reflexos de seu passado e de como nossos antecessores impuseram um suposto padrão. Isto porque as relações sociais entre homens e mulheres foram construídas num cenário de disputa política, que num primeiro momento histórico privilegiou os homens. Essa narrativa de como e a partir de que o gênero foi construído na sociedade, é também a história da desigualdade, que tem sua continuidade até os dias atuais (CANUTO, 2021).

Muitas mulheres são mantidas na posição de inferioridade diante dos homens, que reafirmam a sua dominação no lar através da submissão feminina mediante coerção, agressão, ameaças, lesões, feminicídio, exploração sexual e objetificação do corpo de sua companheira, enquadrando essas atitudes do fenômeno da violência doméstica como fato social, na visão de Durkheim (1895) em seu estudo sobre o método sociológico.

Apesar dessa realidade, os debates feministas ao longo dos séculos possibilitaram uma nova forma de enxergar a mulher. Desde a idade média, o movimento feminista trava lutas importantes em busca da emancipação feminina. No Brasil, por exemplo, na época do patriarcado marcado pela ditadura, a mulher não tinha voz nem vez, e precisava se submeter aos comandos do homem sobre todos os aspectos de sua vida.

Diante da chegada do feminismo, suas formações e movimentos sociais, as mulheres passaram a ocupar um lugar de conscientização, informação, conhecimento e estudo sobre o seu lugar e quem elas podem "ser". Algumas vezes essa formação é realizada através de suas histórias de vida, contadas como exemplo de superação e incentivo. Essas histórias são importantes para empoderar e humanizar, elas têm a capacidade recuperar a dignidade das pessoas, especialmente quando conseguem desmistificar estereótipos, humanizando a sociedade (ADICHIE, 2019).

Nesse sentido, o feminismo é uma dessas palavras odiadas ou amadas na mesma intensidade. Da mesma forma que há quem rejeite seus ideais, existem pessoas que se entregam imediatamente ao que se acredita (TIBURI, 2020). Isso acontece muitas vezes pela ausência de informação, por este motivo o objetivo dessa pesquisa é demonstrar o protagonismo do

movimento feminista durante o percurso trilhado na construção do “ser” mulher, desde a vulnerabilidade de sua geração até as conquistas emancipatórias que enfrentaram perante a cultura machista e patriarcal.

2 O PATRIARCADO E SUAS RAÍZES

A voz masculina predomina na história, arte, literatura, religiões, arquitetura, ciências, política, cinema e tecnologia, refletindo a natureza patriarcal da sociedade. Vivemos em uma realidade projetada e construída em torno do homem, que no inconsciente coletivo é visto como responsável pelo sustento do lar, enquanto a mulher é vista como propriedade do homem, destinada a satisfazer seus desejos sexuais.

A liberdade da mulher para se autodefinir e escolher seu comportamento ainda é frequentemente condenada pela sociedade, que mantém expectativas rígidas sobre o que define um homem e uma mulher. Essa realidade é um reflexo do patriarcado (ALBANO, 2020). Historicamente, essa visão foi aceita como natural e necessária para a sobrevivência e progresso da espécie. No entanto, ao denunciar essa situação como fruto do machismo, o feminismo enfrentou críticas no mundo patriarcal.

O patriarcado, derivado das palavras gregas "pater" (pai) e "arkhe" (comando), é um conceito antigo que evoluiu desde o final do século XIX com as primeiras manifestações do feminismo. Este termo refere-se a uma sociedade onde os homens detêm o poder, sinônimo de dominação masculina e opressão feminina. Antes do surgimento do feminismo, patriarcas eram líderes religiosos e chefes de família que seguiam textos sagrados (DELPHY, 2009).

Essa hierarquia masculina foi estabelecida há muito tempo. Na filosofia grega antiga, Aristóteles (1998) afirmou que a relação entre homem e mulher era naturalmente hierárquica, com o homem como superior e a mulher como inferior. Essa visão patriarcal continuou na tradição filosófica ocidental. Encarar essa realidade apenas sob o conceito de gênero distrai da análise do poder patriarcal, perpetuando a exploração e dominação masculina e colocando as mulheres em uma posição inferior em todas as áreas da convivência humana (SAFFIOTI, 2015).

Embora o pensamento patriarcal tenha mudado um pouco nos dias atuais, suas raízes ainda são profundas. Ele está tão incorporado em nossos processos mentais que é difícil

eliminá-lo sem compreendê-lo plenamente. Quando analisamos o passado pré-histórico das mulheres, estamos tão presos ao sistema explicativo androcêntrico que não conseguimos imaginar modelos alternativos (LERNER, 2019). Trata-se de uma cultura tradicionalista transmitida de geração em geração, sem base teórica.

A ordem patriarcal de gênero pode ser vista como um pacto masculino para garantir a opressão das mulheres, estabelecendo relações hierárquicas no âmbito privado e público, onde a superioridade dos homens é legitimada por fatores biológicos que os capacitam a controlar o feminino. Assim, a inferioridade das mulheres vai além da obediência às ordens do patriarca, incluindo a disponibilidade sexual para satisfazê-lo (SAFFIOTI, 2014).

Essa dominação masculina transforma as mulheres em objetos simbólicos, mantendo-as em um estado constante de insegurança corporal. Elas existem primeiramente para o homem, para serem observadas e consideradas atraentes e disponíveis. É essencial destacar não apenas a hierarquia masculina, mas também a exploração e sofrimento vividos pelas mulheres (BOURDIEU, 2019).

Essa superioridade masculina é fruto do machismo, um sistema de crenças que aceita essa hierarquia e reserva a masculinidade exclusivamente para os homens, opondo-se àqueles que discordam dessa visão. De acordo com esse pensamento, os comportamentos são rigidamente definidos para cada sexo: a feminilidade é exclusiva das mulheres e a masculinidade dos homens (TIBURI, 2020).

Apesar dessas dificuldades e estereótipos, à medida que a teoria feminista e os movimentos de mulheres avançam, aumentam as possibilidades de transformação e evolução desse pensamento arcaico, conhecido como Patriarcado Contemporâneo (SAFFIOTI, 2015).

Nos estudos sobre feminismo, as abordagens sobre o patriarcado são frequentemente controversas e conflitantes, com diversas interpretações divergentes que carecem de coerência teórica. Mirela Morgante (2014), citando Christine Delphy, observa que para os socialistas, a opressão das mulheres se deve ao capitalismo, enquanto para as feministas radicais, essa opressão é resultado do sistema patriarcal, beneficiando os homens como categoria social.

Apesar da falta de consenso entre as correntes teóricas, a discordância conceitual não diminui a necessidade de usar o termo patriarcado para analisar a discriminação das mulheres. Esse sistema está profundamente enraizado na cultura ocidental e nas instituições formadas pela colonização, baseado na repetida ideia de diferença de gênero, superioridade masculina e inferioridade feminina (TIBURI, 2020).

Durante a República, a autoridade da igreja sobre os matrimônios foi separada do Estado com a instituição do casamento civil. No entanto, o divórcio ainda não era permitido, e a mulher era legalmente dependente do pai ou do marido. Isso só mudou em 1962 com o novo código civil, que encerrou a tutela dos maridos sobre as esposas (BEZERRA, 2020).

A década de 60 foi marcada por discussões sobre sexualidade, movimentos populares e organizações feministas, especialmente em torno dos anticoncepcionais. Contudo, esses avanços foram interrompidos pela ditadura militar no Brasil, que suprimiu manifestações e direitos de associação (BEZERRA, 2020). Durante os 21 anos de repressão e violência, o feminismo ganhou visibilidade como movimento político ao questionar as relações de poder, desigualdades e hierarquias que definiam a mulher como inferior ao homem. Muitas ativistas foram silenciadas, torturadas e violentadas (PITANGUY, 2018).

A ditadura militar representou um período de autoritarismo, violação dos direitos humanos e censura à liberdade de expressão, com práticas de tortura, assassinatos, repressão armada e perseguições. Movimentos sociais surgiram para reivindicar a democracia e defender interesses coletivos (WOITOWICS, 2009). Apesar das opressões, muitas mulheres resistiram, tanto pacificamente em passeatas quanto na luta armada da Guerrilha do Araguaia, enfrentando prisão, tortura e exílio.

Essas mulheres desafiavam os papéis tradicionais femininos, assim como as sufragistas da Primeira República. Elas participaram de movimentos, sindicatos, partidos políticos e grupos reflexivos, desafiando o domínio masculino. Com a chegada da democracia após a Constituição de 1988, a igualdade jurídica entre homens e mulheres foi incorporada, resultando em maior escolarização feminina.

Embora o século XXI tenha trazido novas preocupações com o corpo feminino, diversidade, liberdade sexual e racial, e a maternidade, o patriarcado ainda é evidente em todo o mundo. Isso é visível na predominância masculina nas estruturas de poder, tanto públicas quanto privadas, e nas disparidades salariais, onde mulheres ganham menos que homens em funções idênticas.

Por isso, o incentivo à formação feminista é cada vez mais necessário. Diante dessas opressões, exploraremos a seguir o surgimento do movimento feminista...

3 O NASCIMENTO DO FEMINISMO E SEUS ESTEREÓTIPOS

A história do surgimento do feminismo é pouco conhecida e a bibliografia a respeito apresenta algumas divergências. De maneira geral, entende-se que o feminismo começou a ganhar força em meados do século XIX, contribuindo para a construção da teoria política ao criticar a submissão feminina na esfera doméstica e sua exclusão do espaço público. Este movimento questionava a discriminação de gênero, promovendo a conscientização das mulheres e da sociedade (BIROLI, 2014).

Em 1979, o Primeiro Encontro Nacional de Mulheres marcou a consolidação de diversos grupos feministas em todo o país. Estes grupos iniciaram lutas organizadas, como clubes de mães e congressos de mulheres, ganhando espaço para discutir temas como o direito ao corpo e a sexualidade. Esses movimentos reconheciam a necessidade de dar voz às mulheres e denunciavam violações de direitos, mobilizando a defesa de seus direitos (WOITOWICZ, 2009).

O fortalecimento do movimento feminista resultou em várias conquistas: maior representatividade política das mulheres, direitos ao parto natural, amamentação em locais públicos e o fim de uma cultura que impõe à mulher um papel de submissão em relação ao homem, adaptando-se à nova dinâmica da sociedade (BEZERRA, 2020). O feminismo passou a simbolizar liberdade, respeito e a expressão da subjetividade das mulheres que não aceitam sistemas de dominação e hierarquia de poder.

O movimento feminista também expandiu significativamente a esfera política, trazendo à discussão questões anteriormente ignoradas ou consideradas pertencentes ao âmbito privado (BOURDIEU, 2019). A seção a seguir tratará da participação das mulheres no feminismo, a importância da conscientização sobre a igualdade que promovem e os reflexos dessa discussão.

O feminismo, como movimento, possui diversas frentes e busca a igualdade entre homens e mulheres, enfrentando o sexismo e combatendo as raízes do patriarcado, que estão profundamente enraizadas na sociedade. A interseccionalidade é um de seus pilares fundamentais.

A trajetória do feminismo pode ser dividida em quatro grandes ondas, que ganharam visibilidade em 1830, 1870, 1920 e 1970 (HOLLANDA, 2019). Essas ondas ocorreram em diversos países e foram impulsionadas por demandas que se fortaleceram até o início da

Primeira Guerra Mundial, quando muitas mulheres enfrentaram os problemas decorrentes da guerra (ZIRBEL, 2021).

Como movimento político e intelectual, o feminismo foi considerado um "filho indesejado" da Revolução Francesa, criticando a submissão feminina na esfera doméstica e sua exclusão do espaço público. A primeira onda do feminismo focou na luta pela igualdade e pelo direito ao voto (MIGUEL, 2014).

No Brasil, o pensamento feminista chegou durante a primeira onda com Nísia Floresta Brasileira Augusta, uma potiguar que trouxe uma consciência crítica sobre a condição das mulheres através de suas obras: "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" (1832), "Conselhos à Minha Filha" (1842), "Opúsculo Humanitário" (1853) e "A Mulher" (1856). Nísia Floresta traduziu o clamor feminista europeu para o contexto brasileiro (MOURA, 2018).

A segunda onda do feminismo no Brasil surgiu na década de 1970, durante a ditadura militar, através de mulheres que passaram pela experiência do exílio, fugindo do autoritarismo. A fuga era uma necessidade de sobrevivência diante da dominação masculina e das violências sofridas (WOITOWICZ, 2009).

No Brasil, as primeiras manifestações feministas reivindicavam direitos básicos, como ler e escrever, que eram exclusivos dos homens. Na década de 1870, surgiram jornais e revistas feministas que questionavam a tutela masculina e lutavam pela emancipação das mulheres e seus direitos, denunciando a opressão e lutando pelo ensino superior, divórcio, trabalho remunerado e voto. A imprensa tornou-se uma rede de apoio essencial para a conscientização feminina (HOLLANDA, 2019).

A terceira onda feminista no Brasil, na década de 1920, organizou-se através da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, lutando por um lugar no mercado de trabalho e conquistando o direito ao voto no Rio Grande do Norte em 1927, o que provocou um manifesto nacional para que as mulheres de todo o país tivessem o mesmo direito.

Nos anos 1970, a quarta onda feminista foi marcada pela luta contra a discriminação, alterando costumes e transformando direitos. Organizações, congressos e eventos deram visibilidade às reflexões necessárias para a conscientização política e a melhoria das condições de trabalho. A ONU declarou o 8 de março como Dia Internacional da Mulher (HOLLANDA, 2019).

Na década de 1990, o movimento passou por um período conhecido como pós-feminismo, enfrentando acomodação e menor visibilidade, mas continuando a lutar por maior representatividade política, direito ao parto natural, amamentação em locais públicos, aborto e o fim da subordinação ao homem. Este breve resumo das ondas do feminismo destaca a importância de enxergar o movimento de maneira multifacetada e receptiva, valorizando várias vozes e promovendo um diálogo crítico.

Chimamanda Ngozi Adichie (2019) afirma que as mulheres são ensinadas desde a infância a se encolherem, a não terem muita ambição e a priorizarem o casamento. Ser feminista significa contrariar essa realidade e acreditar na igualdade entre os sexos (ADICHIE, 2020).

No Brasil, o feminismo ainda enfrenta resistência, preconceito e discriminação, sendo muitas vezes visto de forma negativa. Desde o início, algumas mulheres evitaram se identificar como feministas por medo de rejeição social (MOURA, 2018). Esses estereótipos precisam ser desmistificados para que se possa entender o verdadeiro significado do feminismo (ADICHIE, 2020).

A formação feminista propõe a emancipação das mulheres através da conscientização e da libertação, utilizando estratégias de superação da submissão e promovendo vivências coletivas para uma melhor compreensão do empoderamento (SANTOS, 2010). Assim, o feminismo surge como um movimento de libertação das mulheres da opressão patriarcal.

4 DA VULNERABILIDADE À EMANCIPAÇÃO

Durante a época do patriarcado, a união entre mulheres era considerada um ato de traição. Hoje, a empatia que nutre nossa sororidade é baseada em um objetivo comum: proteger os direitos das mulheres e evitar a discriminação. O verdadeiro significado do feminismo é a luta das mulheres por direitos iguais, através da consciência coletiva para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Há uma noção equivocada de que todos os espaços femininos estariam livres do patriarcado e do pensamento sexista (hooks, 2020).

O feminismo combate a negatividade atribuída às mulheres pelo sistema patriarcal, engajando todas, todes e todos na luta. Todas, porque são as mulheres que lideram a luta; todes,

por abranger expressões de gênero diversas; e todos, porque também inclui homens no processo democrático, algo que o machismo nunca contemplou (TIBURI, 2020).

Valéria Veiga (2021) define o feminismo como um movimento que visa acabar com a hierarquização do sexo, o machismo e a desigualdade entre homens e mulheres. Por exemplo, ela destaca a importância de as mulheres não dependerem financeiramente dos homens, de que seus corpos não sejam violados ou maltratados, e de que possam escolher seus relacionamentos livremente.

A sociedade tenta impor padrões de comportamento às mulheres, o que afeta sua autoestima, relacionamentos e ações diárias. É necessária a união para mudar essa cultura enraizada que limita as mulheres e gera insegurança (VEIGA, 2021).

A união promovida pelo feminismo destrói armadilhas patriarcais, incentivando o empoderamento feminino e transformando as mulheres em agentes de mudança e liberdade (SWAIN, 2017). Este empoderamento é fruto do pensamento feminista, que se manifesta como uma consciência coletiva entre mulheres que rejeitam a inferiorização pelos homens e o machismo, buscando igualdade de gênero e praticando a sororidade. Sororidade é a irmandade entre mulheres que compartilham os mesmos ideais e se apoiam mutuamente (VEIGA, 2021).

Bell hooks (2020) vê a sororidade feminista como um compromisso compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal em todas as suas formas, formando uma solidariedade política entre mulheres que enfraquece o sexismo e derruba o patriarcado.

A união, o empoderamento e a sororidade no feminismo podem ser prejudicados pela "síndrome da impostora", um fenômeno descrito por Valéria Veiga (2021) que leva as mulheres a se autossabotarem, duvidando de sua capacidade e merecimento.

Apesar das raízes preconceituosas e estereotipadas da sociedade, é essencial compartilhar conhecimento para que as novas gerações entendam o verdadeiro significado da luta pela democracia. O feminismo é fundamental tanto para homens quanto para mulheres que desejam compreender e praticar o amor, baseado em respeito, aceitação, cuidado, responsabilidade e comprometimento. Sem justiça, não pode haver amor verdadeiro, e o feminismo busca criar essa base para vínculos amorosos (hooks, 2020).

Escolher práticas feministas é escolher o amor. O feminismo defende todas as pessoas oprimidas e busca ser uma fonte de esperança para a humanidade, promovendo um diálogo necessário para a mudança (ARRUZZA, 2019; TIBURI, 2020).

Bell hooks ressalta a importância do pensamento de Angela Davis, que acredita na possibilidade contínua de transformação radical do mundo. Este estudo, embora modesto, tenta contribuir para essa mudança, mostrando que o feminismo pode ser parte do estilo de vida de qualquer mulher, independentemente de suas convicções políticas. A formação feminista é um processo de escolha e ação que visa construir mulheres autônomas e promover a equidade de gênero através da compreensão das relações de poder e sua construção histórica e sociocultural (hooks, 2020).

A teoria feminista deve ser uma prática dentro do ativismo libertador, criando um diálogo significativo com o movimento feminista e intensificando a oposição ao sexismo e à opressão. Conversas informais e trocas de experiências entre mulheres muitas vezes são mais eficazes que a teoria acadêmica para promover empoderamento, sororidade e transformação.

A produção teórica sobre feminismo é vasta, mas poucas obras falam diretamente às mulheres sobre como transformar suas vidas com esses ideais (hooks, 2014). A formação feminista busca construir mulheres autônomas que contribuam para a transformação da sociedade, analisando e desconstruindo estereótipos e promovendo a igualdade.

A luta pela educação formal foi uma das primeiras bandeiras feministas, desafiando a cultura patriarcal e a ciência androcêntrica que considerava as mulheres inferiores (MONTENEGRO, 2015). As escolas, influenciadas pelas classes dominantes, visam manter posições de poder, mas a formação feminista promove a solidariedade, amizade e amor, buscando justiça social (SAFIOTTI, 1987).

As mulheres têm conseguido provocar mudanças a partir de seus papéis tradicionais e questionando práticas autoritárias, enriquecendo o processo educativo de outras mulheres com suas experiências (SAFIOTTI, 1987).

Integrar o pensamento feminista à vida cotidiana é um desafio, mas este estudo acredita nessa perspectiva. Quando uma mulher compartilha sua história de superação, ela inspira outras a lutarem por sua liberdade, criando uma corrente positiva para a emancipação feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o questionamento central desta pesquisa, que buscava entender as implicações do feminismo na vida de suas defensoras, concluímos que a trajetória histórica do movimento das mulheres responde de forma satisfatória, considerando a evolução recente que destaca a formação feminista como um fator diferencial nas atividades cotidianas. Isso reforça a necessidade de aliar a compreensão teórica à conscientização social.

Para alcançar essa conclusão, inicialmente narramos o histórico do patriarcado e suas raízes na cultura machista. Essa narrativa abrangeu a construção de uma sociedade estruturada em torno da dominação masculina, onde as mulheres eram relegadas a papéis subalternos e frequentemente silenciadas. Exploramos como essa estrutura patriarcal se perpetuou ao longo dos séculos, influenciando normas sociais, leis e práticas culturais que mantinham as mulheres em uma posição de desvantagem.

Em seguida, apresentamos o surgimento do feminismo e suas vertentes, destacando como este movimento emergiu como uma resposta à opressão sistêmica enfrentada pelas mulheres. Abordamos os diferentes momentos históricos do feminismo, desde a primeira onda, focada na luta pelo direito ao voto e à educação, até as ondas subsequentes que expandiram a agenda feminista para incluir questões de sexualidade, direitos reprodutivos, igualdade no trabalho e a interseccionalidade das opressões de gênero, raça, classe e outras. Enfatizamos a importância da desconstrução de estereótipos, que têm historicamente limitado as possibilidades de ação e expressão das mulheres.

Por fim, mostramos a evolução da vulnerabilidade feminina até a emancipação, destacando a conquista da liberdade para "ser" mulher, especialmente no enfrentamento dos padrões sociais machistas. Evidenciamos como o feminismo tem possibilitado que mulheres ao redor do mundo reivindiquem seus direitos e questionem as normas opressivas. Exemplos práticos de conquistas feministas, como mudanças legislativas, avanços na representação política e iniciativas de base comunitária, ilustram a progressão do movimento e seu impacto na vida cotidiana das mulheres.

Este estudo pode contribuir para que outras mulheres percebam a importância da atuação feminista, promovendo a conscientização e educação através da pesquisa. Os resultados indicam que a formação feminista não é um evento único ou uma preparação específica, mas uma evolução contínua, social, política e moral que ocorre constantemente. Essa formação se

dá pela prática de atitudes e princípios como respeito, igualdade e liberdade, transmitidos em todos os ambientes através da união e empatia entre as mulheres.

Além disso, abordamos como a formação feminista se manifesta em diversos contextos, desde a esfera doméstica até os espaços públicos e profissionais. Discutimos a importância de incorporar a educação feminista nas escolas, universidades e comunidades, destacando programas e iniciativas que têm se mostrado eficazes na promoção da igualdade de gênero. Argumentamos que a formação feminista é um processo dinâmico que deve ser alimentado por experiências vividas, troca de conhecimento e engajamento coletivo.

Se houvesse uma formação contínua sobre os direitos humanos das mulheres e a necessidade de tratamento igualitário e respeitoso, desde a educação primária até o ambiente universitário, talvez não fosse necessário conscientizar adultos sobre os conceitos básicos de liberdade, igualdade, respeito e empatia.

Essa formação desde a base educacional poderia criar uma sociedade mais justa e equitativa, onde as gerações futuras cresceriam com um entendimento profundo da importância da igualdade de gênero. Ao enfatizar a integração dos princípios feministas nos currículos educacionais, ressaltamos a necessidade de um compromisso institucional com a promoção dos direitos das mulheres e a erradicação da discriminação de gênero.

Portanto, concluímos que o feminismo não é apenas uma teoria ou um movimento social, mas uma prática vital para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Através da disseminação de conhecimento e da promoção de uma cultura de respeito e igualdade, o feminismo tem o potencial de transformar vidas e criar um futuro onde todas as pessoas possam prosperar em igualdade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. Tradução: Christina Baum – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALBANO, Jorgelina. **Sapatos vermelhos são de puta**. Tradução Marcia Blasques. Bauru, SP: Editora Astral Cultural, 2020.

ARRUZZA, Cinzia; FRASER, Nancy; BHATTACHARYA, Tithi. **Feminismo para os 99%**. Um manifesto. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BEZERRA, Juliana. **Feminismo no Brasil**. In: Toda Matéria 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/feminismo-no-brasil/>.

BIROLI, Flavia. **Gênero, conservadorismo e democracia: disputas e retrocessos**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BIROLI, Flavia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina. A condição feminina e a violência simbólica**. Tradução: Maria Helena Kuhner – 15ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CANUTO, Érica. **Princípios especiais da Lei Maria da Penha e a garantia dos direitos fundamentais da mulher em situação de violência doméstica e familiar**. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Fórum, 2021.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

DELPHY, Christine. **Patriarcado**. In: HIRATA, et all. *Dicionário crítico do feminismo*. Editora UNESP: São Paulo, 2009.

HEILETH, Saffioti. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvi Libanio. 14 ed – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HORITA, Clari Ana. **A epistemologia de Durkheim através da violência doméstica como fato social**. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/revistacabore/article/view/4021/482483823> .

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sellera – São Paulo: Cultrix, 2019.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flavia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MONTENEGRO, Sandra. **Pedagogia feminista: o caso do programa de formação sociopolítica “cidadania e direitos das mulheres”**. Disponível em: [https://www.ufpe.br/documents/39399/2405255/PINTO%3B+MONTENEGRO+-+2015.2.pdf/23615f84-4942-4544-aa96-a6e13e3dff02#:~:text=De%20acordo%20com%20Silva%20\(2010,prol%20da%20equidade%20de%20g%C3%AAnero](https://www.ufpe.br/documents/39399/2405255/PINTO%3B+MONTENEGRO+-+2015.2.pdf/23615f84-4942-4544-aa96-a6e13e3dff02#:~:text=De%20acordo%20com%20Silva%20(2010,prol%20da%20equidade%20de%20g%C3%AAnero).

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas.

MOURA, Nayara Aparecida. **A primeira onda feminista no Brasil: uma análise a partir do jornal “A Família” do século XIX (1888-1894)**. Revista da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife, v.2, n.2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/view/241600/32722>

PITANGUY, Jacqueline. **Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes: memórias para o futuro**. São Paulo: Editora Autonomia Literária, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular. Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Ana Célia de Sousa. **Pedagogia feminista na construção de uma “alternativa de gênero”**. In *diásporas, diversidades, deslocamentos*. 2010.

SWAIN, Tania Navarro. **Quem tem medo de Foucault: feminismo e a destruição das evidências**. Brasília, 2017.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 14ª ed: Rosa dos tempos, 2020.

WOITOWICZ, Karina Janz; PEDRO, Joana Maria. **O Movimento Feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo**. Dossiê gênero, feminismo e ditaduras. Ano X, n.21, 2º Semestre 2009, ISSN 1518-4196. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/3574/2833> .

ZIRBEL, Ilze. **Ondas do feminismo**. Blog de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia. V. 7, N. 2, 2021. ISSN: 2526-6187. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/> ,